

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO  
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA INTERCULTURAL**

**IVANETE KRIXI**

**HISTÓRIA DA ESCOLA *APIAKÁ* NA ALDEIA *MAYROB* DE JUARA  
MT**

**Barra do Bugres  
2016**

**IVANETE KRIXI**

**HISTÓRIA DA ESCOLA APIAKÁ NA ALDEIA MAYROB DE JUARA  
MT**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbours, como requisito parcial para obtenção do título de Graduada em Licenciatura em Pedagogia Intercultural.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira.

**Barra do Bugres  
2016**

## FICHA CATALOGRÁFICA

### CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Z92h KRIXI, Ivanete.

História da Escola *Apiaká* na Aldeia *Mayrob* de Juara-MT / Ivanete Kixi. – Barra do Bugres, 2016.

37 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim ).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientadora: Dra. Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira.

1. *Apiaká*. 2. História da Escola. 3. Práticas Culturais. I. Ferreira, W. A. de A., Dra. II. Título.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

**IVANETE KRIXI**

**HISTÓRIA DA ESCOLA *APIAKÁ* NA ALDEIA *MAYROB* DE JUARA MT**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Pedagogia Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia Intercultural.

Barra do Bugres, 10 de novembro de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira  
Professora Orientadora

---

Prof. Dr. Neodir Paulo Travessini  
Professor Avaliador

---

Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino (Membro)  
Professor Avaliador

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Helena Rodrigues Paes  
Coordenadora do Curso de Pedagogia Intercultural

**Barra do Bugres  
2016**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a todos que contribuíram e não mediram esforços para me ajudar. Especialmente, ao Senhor Adolfo Morimã, que sempre estava disposto a colaborar com a minha pesquisa. Dedico também aos demais entrevistados e a toda a comunidade que me acolheu para poder chegar a faculdade.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, à minha família, às lideranças indígenas do Povo *Apiaká* da Comunidade *Mayrob*. Em especial à Professora Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira, por ter disponibilizado seu precioso tempo na medida em que precisei, colaborando na orientação e correção deste trabalho.

Deixo meu agradecimento à Instituição UNEMAT e a todos os professores que durante todas as etapas fizeram orientações do processo da produção do meu trabalho de conclusão de curso.

Deixo meu agradecimento à FUNAI pelo apoio recebido.

## RESUMO

Este trabalho é sobre a história da escola da aldeia *Mayrob* e os impactos que a escola trouxe para a comunidade. A escolha do tema foi para registrar como inicia a escola dentro da aldeia, como trabalhava antes, até chegar nos dias atuais. A pesquisa foi feita em livros, internet e com entrevistas a pessoas da comunidade que sabiam sobre a história da escola. A educação da escola se iniciou na aldeia *Mayrob* com a volta de Marilsa Morimã, que estudou no *Utiriti* e deu aulas para o povo *Apiaká*. Depois, a irmã Maria Conceição e, depois dela, vieram outros professores, na maioria professores indígenas do próprio povo. Hoje a escola é estadual e funciona com Ensino Fundamental e Ensino Médio. A escola é importante para o povo *Apiaká* e a educação da escola procura trabalhar com a cultura do nosso povo. A escola, é, portanto, um instrumento político das manutenções das práticas culturais.

**Palavras-chave:** História da escola. *Apiaká*. Práticas culturais.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Surgimento do primeiro índio Apiaká .....	11
Figura 2 -	O peixe que o tatu pescou se transformou em uma mulher Apiaká .....	12
Figura 3 -	O marido da mulher Apiaká.....	12
Figura 4 -	O casal e os parentes .....	13
Figura 5 -	Mapa da Terra Indígena Apiaká-Kayabi .....	15
Figura 6 -	Crianças e jovens com pinturas e trajes tradicionais Apiaká.....	20
Figura 7 -	Cestinho de colocar flecha.....	21
Figura 8 -	Mulheres preparando o vinho de patoá.....	22
Figura 9 -	Preparando o vinho de açaí.....	22
Figura 10 -	Senhor Adolfo Gomes Morimã .....	25
Figura 11 -	Senhor Eduardo Morimã.....	26
Figura 12 -	Senhora Cristina Leite Tukumã .....	27
Figura 13 -	Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Crixí Apiaká.....	32

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I - APRESENTAÇÃO DO POVO .....</b>	<b>11</b>
1.1 Mito de Origem do Povo <i>Apiaká</i> .....	11
1.2 Histórico do povo <i>Apiaká</i> .....	13
1.3 Localização da Terra Indígena <i>Apiaká-Kayabi</i> e População Geral.....	14
1.4 Caracterização da Aldeia <i>Mayrob</i> .....	15
1.5 Principais práticas tradicionais do povo <i>Apiaká</i> .....	17
<b>CAPÍTULO II - CONTANDO COMO FOI FEITA A PESQUISA/METODOLOGIA E CONSTRUÇÃO DO TRABALHO .....</b>	<b>24</b>
<b>CAPÍTULO III - HISTÓRIA DA ESCOLA APIAKÁ NA ALDEIA MAYROB DE JUARA-MT.....</b>	<b>28</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>
<b>CONSULTORES NATIVOS.....</b>	<b>36</b>

## INTRODUÇÃO

Essa pesquisa é sobre a história da escola do povo *Apiaká* e é importante porque deixará registrada a história de luta do povo para inserir a escola na aldeia e o benefício que trouxe para o povo. Servirá também para contribuir de referência de pesquisa para alunos e professores na escola.

A escolha do tema é devido à importância de registrar o antes e o atual da escola, as lutas e a forma de ensinar. O nosso povo vem lutando para ter seus direitos e, desde criança, aprendemos que é preciso ficar alerta para não perder os direitos. Nós temos nossa educação tradicional, não temos nenhum falante, mas a nossa cultura permanece e se fortifica cada vez mais. A Educação tradicional é aquela que começa desde muito cedo e esse processo é familiar e comunitário, vindo através dos conhecimentos tradicionais e culturais do povo que passam de geração para geração. Há uma distinção entre meninos e meninas. Todos comem juntos, fazem imitações brincado, executando pequenas tarefas, tudo com grande liberdade.

A menina aprende com a mãe, as avós e as tias, a cozinhar, lavar a louça, lavar roupa, cuidar da casa, limpar o peixe, limpar o terreiro da casa, cuidar dos irmãozinhos menores. Aprende a fazer artesanato, pintura corporal e artesanal. Elas observam e aprendem ao mesmo tempo. O menino aprende com o pai, os avós e os tios a fazer arquinho, flecha e reminho; aprende a pescar, caçar, fazer roça e plantação, ou seja, tudo que pertence a uma cultura, observando e fazendo pequenas atividades.

Mas também temos outro tipo de educação dentro da nossa aldeia que é a Educação escolar, aquela que a criança aprende na escola. São os professores que ensinam a ler e a escrever em língua portuguesa e também na língua materna (algumas palavras que conhecemos). Estudar na escola serve para aprender a produzir documentos, a defender nossos direitos territoriais, bem como de saúde e educação. Também elaborar e participar de projetos e compreender o que acontece na política da sociedade ocidental.

A educação tradicional e a Educação Escolar andam juntas porque não há prática sem teoria e a escrita veio para fortalecer ainda mais a cultura, porque assim podemos resistir com as nossas histórias, mitos, crenças e religiões do nosso povo e dominar novos conhecimentos.

Neste contexto, este trabalho teve como objetivo: Registrar como surgiu a história da escola para o povo *Apiaká* e o impacto importante que trouxe para a comunidade da aldeia *Mayrob*.

A metodologia da pesquisa foi bibliográfica, nos sites da internet e também com a pesquisa qualitativa com a entrevista de três (03) pessoas da aldeia que conhecem a história de luta da escola. Utilizo neste trabalho de pesquisa a técnica da entrevista, ilustração e fotos.

O TCC está organizado em quatro partes. Inicia com a introdução e depois com a apresentação do povo, contando como foi a pesquisa/metodologia e construção do trabalho e a história da escola Apiaká na aldeia *Mayrob* de Juara-MT.

## CAPÍTULO I - APRESENTAÇÃO DO POVO

### 1.1 Mito de Origem do Povo *Apiaká*

O povo *Apiaká*, conforme o mito de origem contado e escrito no livro *Palavras Apiaká* (2009), surgiu de um peixe chamado Jacundá que na língua chamamos *iakundá*,y. Esse peixe morava num lago e, segundo a história, ele pulou em terra e não conseguiu mais voltar para a água, então ele se transformou em um homem e morou na terra algum tempo sozinho. Certo dia, um tatu foi pescar nessa mesma lagoa e pegou um peixe, jogou-o para a terra, mas não o matou. De repente, o peixe começou a falar e se transformou em uma mulher à procura de seu esposo que já havia vindo morar na terra há algum tempo. O tatu, muito assustado, respondeu que sabia onde seu esposo morava, então levou a mulher até o outro lago. Chegando perto, ouviram um canto. Era o homem cantando para tirar os seus parentes do fundo do lago. Estando em terra, o homem disse à mulher que aqueles eram seus parentes. O mito de origem, que é a nossa história, é contado até hoje.

O texto abaixo foi retirado do livro *Palavra Apiaká Nhandé Nhe'eng*.

O nosso povo *Apiaká* surgiu de um peixe chamado *jacundá*, quando ele pulou em terra e não conseguiu mais cair na água. O sol estava muito quente, o peixe estava com sede e seu limo foi acabando, quando ele falou: “Quero água!”, mas não achou para beber e sua cabeça foi ficando redonda e suas duas abinhas foram crescendo. Seu rabo foi ficando comprido e ele se transformou em um homem forte e grande. Este foi o primeiro índio *Apiaká* que surgiu (Fig.1)

**Figura 1 - Surgimento do primeiro índio *Apiaká***



Fonte: Ivanete Krix, 2016

Com o passar do tempo, o tatu foi pescar na beira do lago, jogou na água a linha que era cipó e o anzol que era uma unha de gavião real. Esperou poucas horas e, de

repente, a linha começou a puxar e o tatu que estava com muita vontade de comer peixe assado fogueou o peixe jogando-o para a terra, mas não o matou. De repente o peixe começou a falar e foi se transformando em uma mulher muito bonita (Fig.2)

**Figura 2 - O peixe que o tatu pescou se transformou em uma mulher Apiaká**



**Fonte:** Ivanete Krix, 2016

O tatu ficou assustado e perguntou: “Onde você mora?” A mulher respondeu: “Eu morava dentro do rio, mas agora vou morar em terra e estou procurando meu marido que já veio morar em terra. O tatu, muito curioso, falou: “Eu vi seu marido! Ele está morando na beira de um lago.”

**Figura 3 - O marido da mulher Apiaká**



**Fonte:** Ivanete Krix, 2016

O tatu levou a mulher até a casa onde seu esposo estava morando e quando chegaram perto, ouviram cantos que ele estava cantando para seus parentes que já estavam se preparando para sair da água e ir para a terra. Poucas horas depois, todos estavam em terra e estes eram seus parentes (Fig. 4)

**Figura 4 - O casal e os parentes**



Fonte: Ivanete Krixi, 2016

História contada por Pedrinho Kamassori e registrada por Robertinho Morimã (2009, p. 4-5)

## 1.2 Histórico do povo *Apiaká*

Os primeiros registros feitos sobre o povo *Apiaká*, segundo os seus relatos escritos, datam do início do século XIX. Nesses registros constam os territórios às margens do médio e baixo dos rios Arinos e Juruena. De acordo com a OPAN/CIMI (1987), o povo *Apiaká* sempre respondia com amizade aos viajantes que passavam por aqueles rios. Nesse período, a população, segundo os relatos, estimava-se em 2.500 a 16.000 pessoas distribuídas em diversas aldeias formadas por uma ou mais casas grandes. Eles viviam da pesca, da caça de alguns animais, da coleta de frutos e da agricultura que desenvolviam. A relação de paz com a sociedade nacional durou até o início do século XX, quando uma parte do grupo se retirou para o centro afastando-se da margem dos grandes rios, recusando o contato com os não índios.

O povo *Apiaká*, conforme o histórico, foi um povo de muita resistência entre o final do século XIX e o início do século XX. Foram alvo de massacres promovidos por coletores de impostos do Norte do estado de Mato Grosso e também pelos seringueiros. Sobreviveram apenas 37 pessoas. Desde então, essas pessoas não puderam mais manter seu modo de vida

cultural. Essa minoria sobrevivente integrou-se à economia nacional como tripulantes de embarcações, caçadores de peles, caucheiros, pescadores e seringueiros. Também miscigenaram com elementos de outras etnias e ficaram espalhados. Algumas famílias mudaram-se para a Missão Cururu, aldeia do povo *Munduruku* no Pará. Outros foram vítimas de epidemias de doenças de branco, e muitos foram tentar a vida nas cidades de Mato Grosso, Pará e Amazonas. Por causa disso, é nesses estados que se encontram famílias do povo *Apiaká*, especialmente, ao longo das bacias dos rios Arinos e Juruena, com muitos filhos de casamentos mistos. Essa miscigenação e a integração à economia, provocaram um grande impacto para a perda da língua e uma boa parte de nossa cultura. Por causas desses impactos, a população diminuiu muito e passou a ser entendida como um povo extinto.

O nosso povo ficou espalhado no Noroeste de Mato Grosso por muitos e muitos anos e os impactos com os não índios afetou principalmente a comunicação com uso da fala na língua materna. Segundo Nhandé nhé eng (2010) no seu livro sobre os antepassados, o povo ficou espalhado no Noroeste de Mato Grosso até os anos de 1960, quando um missionário chamado João Dornstauder convidou algumas famílias para morar na aldeia Tatuí, do Rio dos Peixes, junto ao povo *Kayabi*. Vivendo na aldeia, os *Apiaká* sentiram necessidade de retomar elementos de sua cultura, em especial a língua materna que foi esquecida no período de trabalho nos seringais. Essa necessidade surgiu quando o povo não era reconhecido como povo *Apiaká*. Atualmente, estamos sofrendo e lutando para recuperar a língua materna.

O fato de os *Apiaká* ainda existirem como povo é uma prova de resistência em que convida à reflexão antropológica. Para compreender a continuidade que permite um conjunto de pessoas continuar se pensando como povo culturalmente diferenciado, a despeito de contingências históricas enormemente adversa, é preciso olhar para o mundo singular, como seus antepassados enfrentaram importantes transformações ao longo de um século e meio. (TEMPESTA, 2010, p.40).

### **1.3 Localização da Terra Indígena *Apiaká-Kayabi* e População Geral**

A terra indígena *Apiaká/Kayabi* (Fig.5) está localizada no Município de Juara, na região Noroeste de Mato Grosso. O número geral de população *Apiaká* no Brasil, concentrados nos estados de Mato Grosso e Pará, conforme os dados da SIASI e SESAI (2012) e site do instituto socioambiental, é de 844 pessoas.

Somos pertencentes à família Tupi-guarani do tronco linguístico Tupy. Atualmente a nossa sobrevivência se dá através de caça, pesca, frutas nativas, agricultura desenvolvida pelo povo. Uma fonte econômica do povo é a extração de castanha do Brasil. A castanha, como um

produto que antes já fazia parte na preparação de variedades da culinária praticada pelo povo, hoje se tornou um dos produtos mais procurados no Brasil para a comercialização. A produção de artesanatos de farinha de mandioca também são fontes de recursos naturais, gerando renda para as famílias.

**Figura 5 - Mapa da Terra Indígena Apiaká-Kayabi**



**Fonte:** Ivanete Krixi, 2016

A aldeia *Mayrob*, onde eu moro, situa-se à margem direita do Rio dos Peixes, na terra indígena *Apiaká/Kayabi*, há 60 km do município de Juara, ao qual pertence, e tem uma população de 360 pessoas, sendo 57 famílias.

#### **1.4 Caracterização da Aldeia *Mayrob***

A partir do ano de 1980 foi criado um ponto de extração de látex pelo Senhor Alberto Morimã. Nesse período, o lugar era conhecido pelos moradores da região como poção. Era um lugar rico em seringa nativa e a extração era feita apenas por ele e depois vendida.

O senhor Alberto é uma liderança do povo *Apiaká* e antes, ele e as outras famílias do povo *Apiaká* moravam abaixo da aldeia Tatuí, na margem direita do Rio dos Peixes, na aldeia Nova Esperança.

O povo *Apiaká* morou nessa aldeia até o final do ano de 1981, quando ocorreu um conflito entre o próprio povo e, a partir de então, algumas famílias *Apiaká* ligadas a Álvaro Morimã, pai de Alberto Morimã, se desligaram da Aldeia Nova Esperança e fundaram a atual aldeia *Mayrob*, lugar onde era apenas ponto de extração de látex.

A atual aldeia *Mayrob* foi fundada no dia 15/05/1982 por esse senhor que extraia látex nesse local. A partir dessa data, foram construídas as casas habitacionais das cinco famílias que foram residir na nova aldeia. Nessa época, as casas eram feitas com modelo tradicional, com cobertura de uma madeira que cortavam em pequenos pedaços. A madeira era coletada na mata e depois rachada em pequenas fatias<sup>1</sup>.

Todo o trabalho era feito em mutirão, desde a coleta da madeira na mata, o carregamento da mata até o barco e depois levá-la até a aldeia onde passava por um processo de limpeza. Em seguida, faziam a cobertura do telhado da casa com as tabuinhas dessa madeira e o cercado com barro molhado.

Todas as matérias primas utilizadas para fazer as casas eram retiradas da própria Terra Indígena. Hoje também retiramos da mata e do rio, algumas matérias primas usadas nas construções das casas atuais.

O tempo foi passando, as famílias aumentando, e algumas matérias primas foram ficando mais longe a cada ano. Atualmente, para retirar materiais é preciso ir bem distante.

Um dos motivos que fez com que as matérias primas ficassem longe foi porque se tirava muito a palmeira dos açaizeiros para fazer os cercados das casas. Essa palmeira é usada também como alimento tradicional do povo *Apiaká*. A partir do momento que o povo entendeu a importância de preservar essa matéria prima, viu que ela estava diminuindo na mata e que é tão importante para a alimentação do povo, decidiu mudar o tipo de construção da casa e preservar o açaizeiro para fortalecimento da alimentação tradicional.

---

<sup>1</sup> Fatias de madeira é quando a madeira é cortada em forma de pequenos tocos e depois esses tocos são abertos várias vezes ficando bem fininhos como o aspecto de telha.

A partir dessa dificuldade e entendimento que é preciso preservar, houve a necessidade de mudanças das características das casas, passando a ser construídas com materiais industrializados como *Eternit* (telha de amianto), tijolos e tábuas. Atualmente as casas das famílias foram substituídas por esses materiais, mas essa mudança se dá também por outros fatores, porque nas casas cercadas de barro juntavam muitos insetos, e alguns problemas de saúde relacionados com esse tipo de habitação.

Não estamos seguindo o modelo tradicional da aldeia e as famílias escolhem o lugar que quiserem para construir suas casas. Existem algumas construções de tijolo, como o Posto de Saúde feito pelo município, via SUS - Sistema único de Saúde. O mesmo tem uma equipe composta por: um AISAN (Agente Indígena de Saneamento Básico), dois AIS (Agente Indígena de Saúde) (são indígenas do próprio povo), uma enfermeira, um odontólogo, um médico<sup>2</sup> e um farmacêutico.

No ano de 2007 foi criada a escola estadual. O espaço contém quatro salas de aula, uma secretaria e uma cozinha e dois banheiros, e funciona nos três períodos. A proposta de implantação de uma escola estadual na aldeia foi para atender a demanda do Ensino Médio dentro da própria aldeia.

O projeto de ensino respeita a nossa organização social, os costumes a língua materna e as tradições, tudo amparado nas leis educacionais, Lei maior do país. O objetivo da criação de uma escola estadual na comunidade da aldeia *Mayrob* foi visando atender às necessidades de nossos jovens e assim promover a afirmação da identidade étnica, a recuperação da memória histórica e a valorização da língua e conhecimentos dos povos indígenas. Além de dar continuidade na formação dos alunos que concluíram o ensino fundamental na própria aldeia *Mayrob* e a garantia dos alunos continuarem seu processo de formação sem precisar sair da aldeia. Para que tenham um processo formativo a partir dos princípios culturais e sociais do povo *Apiaká*, e dentro desse processo formativo, tenham uma visão política voltada para o social. E no seu processo de formação de conhecimento em áreas específicas, de acordo com as necessidades apresentadas, envolva os pais e a comunidade em todo o processo de escolarização na aldeia.

## **1.5 Principais práticas tradicionais do povo *Apiaká***

---

<sup>2</sup> O médico que atende a aldeia *Mayrob* faz parte do programa Mais Médico do Governo Federal. Ele veio de Cuba.

O meu povo *Apiaká*, tempos atrás, não estava realizando algumas práticas culturais, mas, com o passar do tempo, sentimos necessidade de revitalizar o que tinham tirado dos antepassados no período em que foram escravizados pelos seringueiros e caucheiros. Essa preocupação se deu quando as lideranças sentiram que a cultura do povo estava desaparecendo por motivo de os mais jovens não terem conhecimento das práticas tradicionais do povo. Foram em busca de solução, mas não foi fácil, foram anos e anos pesquisando sobre os cantos, as músicas, as pinturas corporais e faciais e seus significados e, em que momentos, devem ser usados.

Atualmente, o meu povo *Apiaká* tem como práticas tradicionais o uso da pintura do homem e da mulher, dos jovens e do cacique. Eles precisam saber em qual momento devem usá-las. No entanto, ainda estamos pesquisando o significado de algumas pinturas e incentivando a importância dessas práticas para a identidade cultural do povo.

No rosto das mulheres é usada a pintura do traçado da peneira. Essa pintura é usada no período de festas e apresentações. No corpo do homem é desenhada a figura da onça pintada e quem pode usar esse tipo de pintura é somente os guerreiros. A pintura do jabuti, no peito, somente o cacique pode usar e em momentos especiais. Outra pintura é uma tatuagem no rosto do adolescente: quando é criança, é feita somente um risco; quando passa para fase de adolescente, a tatuagem é feita em toda a boca. A tatuagem era feita antigamente. Hoje é apenas em forma de pintura com a tinta do jenipapo.

Com a pesquisa sobre as pinturas e danças, a escola criou um grupo de dança dos jovens e crianças que fazem apresentações (Fig.6) nas aldeias das etnias vizinhas: *Munduruku* e *Kayabi* e também nas escolas do município de Juara, UNEMAT e cidades vizinhas. Isso está servindo de divulgação da cultura *Apiaká* na região. O canto é feito na língua materna.

*De derikó, derikó ta'ira é*

*De derikó, derikó ta'ira é*

*Arrani wétesing, Arrani wétesing*

*Sitikó wiraé*

*Mangatuta derikój raé*

*Mangatuta derikój raé*

*Mangatuta derikój*

*Mangatuta derikój isipyraé*

**Figura 6 - Crianças e jovens com pinturas e trajes tradicionais Apiaká**



**Fonte:** Ivanete Krixi, 2015

Nós, povo *Apiaká*, também produzimos os próprios artesanatos, porém, essa prática já não estava sendo realizada por motivo de esquecimento, uma vez que tinha sido proibida lá no passado. Depois foi retomada no ano de 1996, a partir do momento em que foram buscar um ancião *Apiaká* que morava na aldeia *Kururuzinho*, do povo *Kayabi*, no Pará. Esse senhor era

conhecedor das práticas culturais, falante da língua materna e tinha um conhecimento que o povo precisava para aquele momento de dificuldades que a comunidade enfrentava.

Atualmente, as crianças, os jovens, os adultos e todos da comunidade vêm praticando a confecção de artesanatos. Isso está sendo revitalizado com essas práticas que são a confecção de brincos de penas de aves, de coco de tucum, pulseiras de coco, colares, cestinho de colocar flecha (Fig. 7), arco, flecha e cocar.

**Figura 7 - Cestinho de colocar flecha**



**Fonte:** Ivanete Krix, 2015

A coleta e o preparo dos alimentos é, também, outra prática cultural fortemente preservada pelas famílias. Como faz parte da cultura, são preparados diversos tipos de comida, como carne assada, moqueada, assada na folha da bananeira e mojica de peixe. A utilização dos alimentos tradicionais é uma prática que não deve ser esquecida. As principais fontes da utilização é o uso da castanha, que faz parte da culinária do povo *Apiaká*, e se utiliza na preparação de carnes, peixes, mingau e beiju. Não deixamos também de fazer as outras formas de preparar os alimentos.

Em nossa Terra Indígena tem vários frutos silvestres da mata que fazem parte da alimentação, como a castanha, o buriti, o patoá (Fig. 8) e o açaí. Do açaí fazemos o vinho e,

muitas vezes, é comido com farinha de mandioca ou com tapioca. Quem pega o açaí na mata são os homens e o preparo do vinho é feito pelas mulheres (Fig. 9).

**Figura 8 - Mulheres preparando o vinho de patoá**



Fonte: Ivanete Krix, 2015

**Figura 9 - Preparando o vinho de açaí**



Fonte: Ivanete Krix, 2015

Outra prática é a utilização dos remédios tradicionais que ainda está sendo valorizada pelo povo. A maioria das pessoas procura utilizar primeiro remédio tradicional e, em segundo plano, o remédio alopático. Essa prática, na avaliação do povo, está sendo muito relevante, pois é uma valorização dos recursos da floresta, e contribui para o fortalecimento da identidade e da cultura do povo.

Existe a prática tradicional dos marcadores de tempo. De acordo com Crixí e Morimã (2009), são marcadores de tempo a cigarra que avisa quando está chegando o período da seca e o final do inverno. Os peixes são marcadores de tempo quando chegam as primeiras chuvas e quando está chegando a seca.

A queixada é um animal que marca o tempo através de sua reprodução.

A paca marca o período do tempo de chuva

O Açaí marca o período do início da seca.

As aves marcam o período do tempo das frutas.

Robertinho Morimã escreveu no livro *Interculturalizando Talentos* (2014), sobre o periquito, que marca o período em que o murici está maduro. O mutum, para o povo *Apiaká*, marca o início de quando a água vai começar a baixar. O tucano é um pássaro que representa, através do seu canto, o acasalamento e, juntos, cantam chamando a chuva.

Clenildo Krixí Sabanês escreveu no livro *Interculturalizando Talentos* (2014), sobre o jaburu que marca a época de pescar peixinho na lagoa. O papagaio marca o período em que o buriti está maduro. A garça é uma ave que marca o início do período da seca. A marreca é uma ave que também marca o período do inverno. O pato é um dos marcadores do período da enchente. O beija flor é uma ave que faz a planta dar bons frutos, ela aparece na estação da primavera. A saracura marca, através do seu canto ao amanhecer, o início da enchente. O cauã é um pássaro que marca o tempo da vinda de um possível sofrimento.

São muitos os marcadores de tempo e eles ajudam a saber a época dos acontecimentos naturais na aldeia. Essas são as principais práticas culturais. A mais forte que sempre esteve na vida dos *Apiaká* é a alimentação da qual nunca deixamos de fazer uso.

Outra prática bastante forte que nós realizamos são as atividades de pesca e caça e também da roça. A pescaria é praticada no dia a dia das pessoas, sendo uma fonte de alimentação para a nossa sobrevivência. Quem faz a pescaria são os homens adultos, os jovens e os meninos. Essa atividade é feita em grupo ou individualmente, e no coletivo da comunidade. Na maioria das vezes é feita individualmente conforme a necessidade das famílias. A atividade de pesca de grupo ou coletiva é feita somente quando tem reuniões, eventos e comemorações com todos da comunidade. Os grupos são para pescar e os peixes são levados para a casa de um responsável, que é o cacique. Chegando o dia da preparação, todos contribuem pegando uma atividade para preparar o alimento, como assar peixe na brasa enrolado em folha de pacova,

fazer mojica e preparar a farinha de mandioca. Depois o alimento é servido para todos da comunidade.

A caçada também é feita da mesma forma, tanto individual com o em grupo, pelos homens. Antes, quando a aldeia era pequena, tudo se tornava mais fácil e quando uma pessoa saía para caçar e matava o porcão, anta ou caititu, todos da comunidade ganhavam um pedaço. Com o passar do tempo, a aldeia cresceu e essa partilha já não está sendo feita. Divide-se apenas com os parentes e vizinhos mais próximos. Com a chegada da energia elétrica muitas coisas mudaram e o produto da caça e a pesca é guardado na geladeira ou *freezer*. A caçada coletiva ainda acontece quando o povo faz reuniões, e os grupos saem para caçar para todos comunidade. Esse alimento é preparado coletivamente pelo povo.

## CAPÍTULO II - CONTANDO COMO FOI FEITA A PESQUISA/METODOLOGIA E CONSTRUÇÃO DO TRABALHO

A pesquisa está sendo feita com os materiais que já existem escritos na aldeia e com as pessoas da comunidade. Foram entrevistados 03 pessoas da comunidade, 02 lideranças e 01 professora.

Escolhi quatro pessoas para fazer entrevista, mas fiz até agora com três. São duas lideranças que moram na aldeia desde a sua fundação e que são pessoas importantes na comunidade. Os dois já foram Caciques e a professora que participa também como entrevistada já foi Cacica.

O primeiro entrevistado foi o Senhor Adolfo Gomes Morimã, liderança da comunidade Mayrob. O senhor Adolfo Gomes Morimã (Fig. 10), desde sua juventude, esteve à frente da luta pelos direitos de seu povo. Foi uma das pessoas que acompanhou todo o processo de luta pela demarcação da Terra Indígena *Apiaká-Kayabi* e também a luta para termos educação escolar indígena. Atualmente exerce a função de conselheiro local do polo base de Juara, atuando como uma das lideranças mais velhas da aldeia. Sempre disposto a buscar saúde, educação e demais políticas públicas.

**Figura 10 - Senhor Adolfo Gomes Morimã**



**Fonte:** Projeto Novos Talentos

O Senhor Eduardo Morimã (Fig. 11) é uma liderança da aldeia *Mayrob* desde seus 15 anos de idade. Iniciou a função de liderança junto com outras lideranças mais velhas. Foi um jovem muito atuante nas questões indígenas e na luta por direitos. Durante todo esse tempo construiu muita experiência nas políticas públicas. No ano de 2000 foi indicado como chefe da CASAI de Juara e atuou nessa função até o ano de 2014. Após sua demissão, voltou para a aldeia e continuou com sua função de liderança mais atuante do povo.

**Figura 11 - Senhor Eduardo Morimã**



**Fonte:** Crixí, 2015

A Senhora Cristina Leite Tukumã (Fig. 12), pertence a etnia *Kayabi* e atua na função de professora. Kursou o Projeto Tucum e após o término, foi aprovada no vestibular da Faculdade Indígena, terceiro grau indígena e cursou Licenciatura de Linguagem. Logo após, cursou pós-graduação na Unemat de Juara. Continua como professora da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Crixí Apiaká com a turma do segundo ano do ensino médio e a turma do multi EJA, primeiro e segundo ano.

Primeiro eu conversei com eles para ver se podiam me ajudar na pesquisa sobre a trajetória da escola e expliquei-lhes sobre o meu trabalho. Antes, eu já havia apresentado o projeto para a comunidade da qual tenho o apoio.

**Figura 12 - Senhora Cristina Leite Tukumã**



**Fonte:** Projeto Novos Talentos

A entrevista com as lideranças foi realizada na casa delas, em dois dias cada um. Uma pessoa autorizou a gravação da conversa e a outra entrevista eu transcrevi no caderno. Quando tive dúvidas, procurei-as novamente para compreender melhor as informações.

### **CAPÍTULO III - HISTÓRIA DA ESCOLA APIAKÁ NA ALDEIA MAYROB DE JUARA-MT**

Na década de 70 não havia escola na Aldeia Nova Esperança que era a aldeia do povo *Apiaká*, antes de criar a aldeia *Mayrob*. Como não tinha escola, as crianças eram levadas para estudar no *Utiariti*. Mas a educação começa desde a casa da criança. Primeiro vem a educação tradicional.

Perguntei aos entrevistados como era a educação antes da escola na aldeia. O entrevistado Adolfo Gomes Morimã disse que a educação tradicional se dava através dos pais que ensinavam seus filhos conforme os costumes, as crenças, a religião e a mitologia. O ensino era através da oralidade e da prática. As crianças e os jovens eram educadas sem mesmo os pais terem o conhecimento da leitura e da escrita. A educação tradicional é uma prática que os antepassados já costumavam ensinar sobre a importância do respeito com a família, os mais velhos, as crianças, os pajés e com a espiritualidade. Desde muito cedo as crianças aprendem a observar os ensinamentos, as práticas e os costumes. Assim, vão aprendendo com seus pais e demais membros da comunidade.

As crianças acompanham seus pais, tios e avós à mata para coletarem frutas, caçar e extrair matérias primas; ao rio para pescar, à roça para fazer plantação, depois a colheita dos alimentos. Também nessa fase eles já costumam inventar e colocar em prática o que os adultos fazem, com acompanhamento da família, como confecção de arco e flecha para brincar com as outras crianças, confecção de artesanato e enfeites. O entrevistado disse que a educação tradicional, antes de a escola chegar à aldeia, era bem rigorosa e todos os ensinamentos tinham que ser seguidos conforme os costumes, as crenças, as regras e a forma de organização social e cultural do povo.

A educação não é só de casa, do pai e da mãe. Educação também tem da escola, só que esta ensina a educação do branco, de como se desenvolver com a lei do branco, como lutar pela comunidade, como se chegar a uma pessoa estranha, como falar com ela; não se compara a aldeia com a cidade. Tem que ter a educação da aldeia e a educação para a cidade para tratar com as autoridades. Saber como andar no meio deles, tem que respeitar a própria cultura (CRIXI, 2012, p.10).

Perguntei sobre como a escola veio fazer parte da comunidade e, em seu relato, o entrevistado disse que a iniciativa de inserir a escola na aldeia foram os missionários Jesuítas da Missão Anchieta que chegaram à aldeia e trouxeram os primeiros professores. Ele disse não saber se eram voluntários ou não, como professores alfabetizadores naquele período.

O mesmo entrevistado disse que essas pessoas vinham, a convite dos Missionários Jesuítas, de outro país (a Áustria), de onde vieram várias outras pessoas. E citou o nome de algumas como Alfredo, Mariana, Ane e França.

Nesse período a comunidade não pensava em ser independente e tudo era do jeito que os missionários pensavam, até mesmo não tinham conhecimento pelos seus direitos. Mas com o passar do tempo, esses professores não índios incentivaram as lideranças indígenas a lutarem em busca dos seus direitos. A comunidade Apiaká se reuniu para implantar a escola na aldeia porque sentia dificuldade de enfrentar o mundo dos não índios, por isso, decidiram estudar para compreender e participar de reuniões, a fim de obterem mais conhecimento da língua portuguesa.

A escola é a garantia dos nossos costumes, é a luta pelos nossos direitos pela terra e pela educação (CRIXI,2012, p.11).

O Senhor Adolfo ainda relata que a luta não foi fácil porque as lideranças não sabiam por onde começar, mas com ajuda dos próprios missionários, foram tendo conhecimento dos caminhos que deveriam seguir e foram em busca de melhoramento para atender à demanda da comunidade no setor da educação escolar indígena.

Após todo esse tempo de dificuldades e luta em prol dos direitos sobre a educação escolar indígena, foram cada vez mais buscando conhecimento junto a outros povos e assim, lutando no coletivo para fortalecer a união e a luta dos povos indígenas.

O Senhor Adolfo também contou que, após a luta e o conhecimento das lideranças, já na década de 1970, na Aldeia Nova Esperança, a primeira aldeia do povo *Apiaká* no Rio dos Peixes no município de Juara, Marilsa Morimã, que havia estudado no *Utiriti* no centro de orfanato dos missionários, voltou para a aldeia e teve a iniciativa de dar aulas e alfabetizar as crianças. Nesse período, conforme o relato do entrevistado, como não tinha sala de aula adequada, a professora ensinava na sala de sua própria casa. Marilsa trabalhou voluntariamente durante alguns anos e fez isso para ajudar seu povo, alfabetizando as crianças que necessitavam dessa aprendizagem. Ela seguia a escola tradicional da Missão Anchieta onde havia estudado, utilizava apenas livros didáticos e alfabetizava somente na língua portuguesa.

Marilsa foi a primeira professora indígena *Apiaká* que estudou no *Utiriti* e depois veio lecionar na aldeia. A partir de 1975 veio Maria Conceição Muniz, Irmãzinha da Imaculada Conceição, lecionar para as crianças, os jovens e os adultos.

O entrevistado disse que a irmãzinha era contratada e recebia livros didáticos, merenda e seu salário via município de Diamantino, estado de Mato Grosso. Em 1981, na atual Aldeia *Mayrob*, Cleide Krixí foi escolhida para dar aulas e trabalhou durante um ano, seguindo o

mesmo método da escola tradicional dos missionários. Ela utilizava livros didáticos que vinham de Diamantino e ensinava somente na língua portuguesa. Cleide foi a primeira professora do povo na atual Aldeia *Mayrob*. Depois vieram outros professores, como Sebastião Moreira, um indigenista (CIMI) que trabalhou por vários anos com o povo *Apiaká* e em apenas seis meses foi substituído por Ivanete Krixí que iniciou seu trabalho a convite da irmãzinha Maria Conceição Muniz. Nesse período, Ivanete tinha apenas doze anos de idade.

Dei aula para as crianças de alfabetização durante quatro anos e todo esse período trabalhei voluntariamente. Utilizava cartilha para ensinar língua portuguesa e matemática e era orientada pela irmãzinha Maria Conceição. Deixei de trabalhar como professora e fiquei sem trabalhar durante nove anos. Logo após mim, assumiu no lugar Lourival Morimã que também trabalhou como voluntário no início de 1994 até o final de 1995. Ele seguia o método utilizado pela escola tradicional e deixou de trabalhar no final de 1995. Voltei a trabalhar como suplente de Leonardo Crixí, o professor titular, no ano de 2004. Nesse mesmo ano, ele ficou doente e chegou a óbito no dia 29 do mês de outubro, então eu o substituí até o final do ano letivo. No final do ano, a comunidade se reuniu para saber se Ivanete krixí ainda tinha interesse de dar continuidade ao trabalho do ano seguinte. A minha resposta foi que sim, e todos foram unânimes em me aceitar como professora. No ano de 2005 ingressei no Curso de Magistério Polo Juína Projeto Haiyo. O curso me ajudou a entender como trabalhar uma escola diferenciada para melhor atender e melhor ensinar aos alunos, de acordo com suas necessidades e realidades locais (Crixí, 2016).

O entrevistado continuou relatando que Lourival foi substituído pelo professor Robertinho Morimã que logo após ingressou no curso de formação Projeto Tucum e começou a lecionar para as crianças da 1ª e 2ª série. Ele também utilizava os mesmos livros didáticos que a Secretaria de Educação Municipal fornecia para a escola.

A partir do ano de 1992 a escola Municipal Indígena *Apiaká* foi municipalizada. Nesse período, a escola foi construída de pau a pique, com cobertura de tabuinhas e cercada com ripas. Tinha apenas uma sala e também servia para realizar festas, reuniões e outros eventos. José Maria Crixí iniciou seu trabalho como professor no ano de 1989, substituindo Raimundo Crixí que no início de sua carreira veio a óbito. Raimundo foi um dos professores mais velhos em sua carreira profissional e trabalhou como voluntário.

Em 1996 Cristina Leite Tukumã iniciou sua carreira de professora. Perguntei a ela como foi sua escolha para ser professora e poder cursar o Projeto Tucum, uma vez que é membro de outro povo. Cristina relatou que foi iniciativa própria na época. Ela disse para a comunidade que queria ser professora e a comunidade deu o apoio, porque naquele tempo não tinha ninguém com a 5ª série para participar do projeto Tucum.

A professora trabalhou como suplente e voluntária durante alguns anos e em 2001 foi contratada para trabalhar com os alunos da 2ª série. Nesse período, a responsabilidade era da rede municipal de ensino.

Cristina também relata que, a partir do Projeto Tucum, melhorou muito sua prática pedagógica por ter formação e conhecimento para aplicar na sala de aula e melhor ensinar aos alunos.

Com o passar do tempo, os professores Robertinho Morimã, Jose Maria Crixí e Cristina Leite Tukumã foram se capacitando através de encontros promovidos pelo CIMI.

A liderança Eduardo Morimã explicou que a escola teve um grande avanço porque os professores indígenas são do próprio povo e também os projetos e a faculdade indígena contribuíram para os professores na forma de ensino diferenciado, ligado aos seus projetos de vida, à terra, aos recursos naturais e ligados também com outros saberes.

A importância da escola só veio para fortalecer os valores, os conhecimentos e as memórias tradicionais, proporcionando aos alunos a possibilidade de realizar e concluir seus estudos dentro da aldeia, sem perder o vínculo cultural com seu povo.

A Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso, no ano de 1996, iniciou o Projeto Tucum, Curso de Formação de Professores Indígenas (Magistério). Neste mesmo ano, a escola foi regularizada pela Prefeitura Municipal de Juara. Mesmo com a regularização da escola, os professores continuaram a trabalhar voluntariamente e a cursar o Magistério Intercultural.

A partir daí esses profissionais tiveram um olhar diferente para a escola diferenciada e foram contratados pela prefeitura no início de 1998. Também deram continuidade outros professores indígenas, iniciando a carreira no Magistério.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Indígena de Educação Básica “Leonardo Crixí” – Ensino Fundamental e Médio, a escola foi criada pelo Decreto Lei 1.149 de 06 de fevereiro de 2008. A unidade localiza-se neste município de Juara, Estado de Mato Grosso, e fica a aproximadamente sessenta quilômetros da cidade, sentido comunidade Águas Claras, por terra, para chegar até a Aldeia *Mayrob*.

O Projeto Político Pedagógico da escola foi construído por todas as pessoas da comunidade. A primeira vez que ele foi elaborado tivemos a ajuda do CIMI, a convite nosso. Porém, tudo que foi sendo escrito foi ouvindo os mais velhos e reflexão que fizemos da escola que queríamos. Nosso objetivo sempre foi fortalecer o nosso povo. Até hoje mantemos em nosso PPP, a nossa história, os conteúdos da nossa cultura inseridos na escola e a construção de nosso calendário específico. A referida escola tem como entidade mantenedora a Secretaria de Estado de Educação.

A Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Crixí Apiaká (Fig. 13) atende a um número de alunos bastante elevado, contando com 150, todos moradores da própria aldeia. A escola atende à Educação Básica, com as turmas do Ensino Fundamental do primeiro ao terceiro ciclo e a turma do Ensino Médio.

**Figura 13 - Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Crixí Apiaká**



**Fonte:** Ivanete Krixí, 2015

Atualmente estamos em 16 professores, todos indígenas, que têm a seguinte escolaridade: oito (08) Ensino Médio regular completo; três (03) cursando o Ensino Médio e três (03) com Ensino Superior completo; um (01) tem Magistério Intercultural do Projeto Tucum e uma (01) estudando na Faculdade Intercultural o curso de Pedagogia Intercultural.

A Escola Leonardo vem desenvolvendo várias ações as quais já estão inseridas no calendário cultural da comunidade e previstas no calendário escolar. São elas: período de preparo da roça, coletas de frutos silvestres, plantação de roça, pescaria com timbó, confecção de artesanatos, pinturas, oficinas de estudo da língua materna, gincanas, brincadeiras tradicionais, intercâmbio com outros povos indígenas, olimpíadas indígenas entre os três povos da região do Rio dos Peixes.

Chegando o mês e a data previstos no calendário, a equipe gestora reúne toda a comunidade e passa o informe sobre as atividades que serão desenvolvidas na semana. As atividades são realizadas coletivamente, envolvendo alunos, pais, professores e toda a

comunidade. Essa técnica de trabalho faz parte da organização social do povo, mantendo sempre a organização escola e comunidade.

A comunidade também confecciona artesanato, realiza danças e pinturas, através do incentivo da escola. Nesse sentido, a participação permanece muito forte dentro da cultura do povo *Apiaká*.

Com essa iniciativa, conseguimos resgatar: alguns tipos de artesanato, palavras na língua materna, cantos e pinturas. Esses incentivos estão dando certo e os pais e toda a comunidade, inclusive as lideranças, estão contribuindo para que essa revitalização dos costumes seja praticada por todos.

Existe uma parceria com projetos da Unemat, como o Novos Talentos, e quem o desenvolve são os professores da escola, com apoio da comunidade.

A escola está envolvida em várias atividades e uma delas é o Museu da Arte, criado no ano de 2015. O museu é um lugar onde estão expostos os trabalhos dos alunos sobre arte. No ano de 2016, em reunião pedagógica, a escola decidiu trabalhar fortemente a nossa cultura, confeccionando saias e outros instrumentos típicos.

Todos os trabalhos procuram envolver as áreas do conhecimento, assim, os alunos fazem produção de textos e desenhos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre a história da escola na comunidade foi muito importante. Houve esforço de várias pessoas da aldeia *Mayrob* para que pudéssemos ter a nossa própria escola. As atividades educacionais que eram desenvolvidas na escola nem sempre teve a nossa cultura inserida no currículo escolar.

Antes de ter a escola na comunidade muitas pessoas foram levadas para estudar no *Utiriti*, como Marilsa Morimã que ao voltar para a comunidade Nova Esperança (antiga aldeia) resolveu dar aula para as crianças *Apiaká*. Depois a irmã Conceição veio morar na aldeia *Mayrobi*, nós havíamos saído da aldeia Nova Esperança e fundamos uma nova aldeia, a *Mayrob*, ela trabalhou anos como professora, e, sempre alfabetizava como qualquer não índio. Ela teve problemas de saúde e foi embora e quem assumiu primeiro foi Cleide Crixí.

Conforme as entrevistas, quando a escola passou a ser Municipal as atividades ainda eram feitas de maneira tradicional não indígena, com o uso do livro didático enviado pela Secretaria Municipal de Educação, mas, nós povo *Apiaká* queríamos uma educação que fortalecesse o nosso povo. Tínhamos o conhecimento que uma escola deveria ter um Projeto Político Pedagógico que atendesse a sua comunidade, mas não sabíamos como escrevê-lo, foi assim que a comunidade se reuniu e decidiu que precisava de ajuda, então chamou o Conselho Indigenista Missionário para ajudar a escrever o Projeto Político Pedagógico, quem ajudou foi Irani (essa indigenista veio em nossa comunidade apenas para ajudar a escrever o PPP), mas fomos nós que elaboramos o documento, escrevemos a história do nosso povo ouvindo os mais velhos e construímos o nosso primeiro calendário cultural que tinha o desenho de um tracajá. Esse documento foi escrito com a ajuda principal de José Maria Crixí e Robertinho Morimã que já estavam estudando no terceiro grau indígena.

A escola proporcionou vários impactos, primeiro, foi uma educação escolar longe da realidade da vida do povo *Apiaká*, com conteúdos tradicionais da escola não indígena. Durante muito tempo não houve aulas de língua materna e nem a nossa cultura fazia parte da escola. Com as lutas e com a vontade de fazer uma escola própria para nós, iniciamos o fortalecimento da escola, com professores indígenas e também com a formação dos professores. Com a formação em magistério intercultural e com a Faculdade Intercultural Indígena os impactos foram outros.

Hoje a Escola Leonardo Krixí *Apiaká* é um instrumento político de afirmação da cultura e da identidade de nosso povo. Ela é importante porque com ela pudemos trabalhar juntos e

trazer benefícios para a comunidade no sentido de fortalecer a cultura e buscar a autonomia de como construir uma educação escolar própria para o nosso povo.

A escola é fundamental para a revitalização e o fortalecimento da nossa cultura e também ajuda a compreender a realidade dos não índios, e, assim lutar pelos nossos direitos. A escola está sendo fundamental porque possibilitou a formação dos professores na Faculdade Intercultural Indígena que prepara os professores para trabalhar com pesquisa, revitalização da língua materna, artesanatos e enfeites. Mesmo que ela seja importante, ela só funciona bem porque existe um trabalho junto com a comunidade. A escola e a comunidade sempre andam juntas.

## REFERÊNCIAS

CRIXI, José Maria. **A cultura do povo Apiaká na Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Crixí Apiaká**. Juara: FAED/UNEMAT, 2012.

CRIXI, José Maria e MORIMÃ. Robertinho. **Marcadores do tempo Apiaká**. In. JANUÁRIO, Elias, SILVA, Fernando Selleri, TRONCARELLI, Maria Cristinan, VANUCCI, Maria Paula de Freitas, ZORTHÊA, Kátia Silene (Orgs). **Marcadores Indígenas do Tempo**. Barra do Bugres-MT, 2009.

ISA. Instituto socioambiental. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/> Acessado em: junho de 2015.

JUARA. **Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Crixí Apiaká** (2014).

OPAN; CIMI. **Índios em Mato Grosso**. Org: Operação Anchieta-OPAN; Conselho indigenista Missionário – CIMI/MT 1987.

POVO APIAKÁ. *Palavra Apiaká: Nhandé Nhe'eng*. Juara, 2009.

POVO APIAKÁ. **As aves como marcadores de tempo**. In. PEREIRA, Lisanil C. P. e FERREIRA, Waldinéia A. A (Org). **Interculturalizando Talentos: Articulações entre linguagens, história etno cultural e educação ambiental em escolas indígenas do povo Apiaká, Kayabi/Kawayweté e Munduruku**. Terra Indígena Apiaká-Kayabi. Cuiabá, MT: Central textos: Editora UNEMAT, 2014.

TEMPESTA, Giovana. **Organização Social Apiaká**. Brasília: 2010.

## CONSULTORES NATIVOS

Adolfo Gomes Morimã

Eduardo Morimã

Cristina Leite Tukumã